

Fragmentos do *Zibaldone*, de Giacomo Leopardi¹

Introdução e tradução de Andréia Guerini

Doutoranda em Teoria Literária — UFSC

O escritor Giacomo Leopardi nasceu em Recanati, região central da Itália, em 1798 e morreu em Nápoles em 1837. Desde muito jovem, mostrou ser bastante criativo, possuir uma grande sensibilidade e ter uma excepcional predisposição para as letras: aos 10 anos de idade produz, em italiano e latim, o que chamou “libretti puerili” e aos 11 anos escreve o primeiro poema intitulado “La morte di Ettore”. Durante anos vive na vasta e rica biblioteca paterna aprendendo sozinho o latim, o grego, o hebraico, o inglês, o francês e o espanhol. Depois dos *puerili* começa a compor obras de caráter filológico e ensaios, até evoluir para as traduções e assim se descobrir poeta e prosador.

Costuma-se sintetizar em três fases marcantes a biografia intelectual do autor: o “estudo desvairado e desesperadíssimo”, “a conversão do erudito ao belo” e “a passagem do belo ao verdadeiro”. Todas elas estão intrinsecamente relacionadas com o mundo da sua escritura, a qual mereceu reconhecimento e valorização somente no século 20.

Apesar de ter vivido relativamente pouco, Leopardi produziu uma vasta obra, na qual se destacam os 41 *Canti*, poemas que retratam o seu pessimismo profundo, a sua angústia, mas também as suas ilusões e esperanças; as *Operette Morali*, obra em prosa de cunho satírico, ético e moral, as *Correspondências*, os *Pensamentos* e o enorme livro de apontamentos e reflexões chamado *Zibaldone di Pensieri*. Trata-se de um diário com mais de 4 mil páginas, começado em 1817 e concluído em 1832, uma espécie de mosaico com as suas anotações de leituras e observações, no qual podemos individuar, de maneira geral, os temas metafísico, ético, estético-literário, lingüístico, autobiográfico etc.

É portanto desse vasto laboratório poético e filosófico (que influenciou autores como Schopenhauer, Nietzsche, Machado de Assis, Svevo, Pirandello, Pound, Calvino entre outros) que extraímos alguns de seus fragmentos a fim de propiciar ao leitor uma amostra do pensamento de Leopardi.

Su traduzione I (p 217)

Dice Quintiliano (l. 10, c. 1): "Quid ego commemorem Xenophontis incunditatem illam inaffectatam, sed quam nulla possit aflectatio consequi?" E certo ogni bellezza principale nelle arti e nello scrivere deriva dalla natura e non dall'affettazione o ricerca. Ora il traduttore necessariamente affetta, cioè si sforza di esprimere il carattere e lo stile altrui, e ripetere il detto di un altro alla maniera e gusto del medesimo. Quindi osservate quanto sia difficile una buona traduzione in genere di bella letteratura, opera che dev'esser composta di proprietà che paiono discordanti e incompatibili e contraddittorie. E similmente l'anima e lo spirito e l'ingegno del traduttore. Massime quando il principale o uno de' principali pregi dell'originale consiste appunto nell'inaffettato, naturale e spontaneo, laddove il traduttore per natura sua non può essere spontaneo. Ma d'altra parte quest'affettazione che ho detto è così necessaria al traduttore, che, quando i pregi dello stile non sieno il forte dell'originale, la traduzione inaffettata in quello che ho detto, si può chiamare un dimezzamento del testo, e quando essi pregi formino il principale interesse dell'opera (come in buona parte degli antichi classici) la traduzione non è traduzione, ma come un'imitazione sofisticata, una compilazione, un capo morto o se non altro un'opera nuova. I francesi si sbrigano facilmente della detta difficoltà, perchè nelle traduzioni non affettano mai. Così non hanno traduzione veruna (e lasciateli pur vantare il Delille, e credere che possa mai essere un Virgilio), ma quasi relazioni del contenuto nelle opere straniere; ovvero opere originali composte de' pensieri altrui.

Su traduzione II (p 86)

Il posseder più lingue dona una certa maggior facilità e chiarezza di pensare seco stesso, perchè noi pensiamo parlando. Ora nessuna lingua ha forse tante parole e modi da

Sobre tradução I (p 217)

Diz Quintiliano (1.10, c. 1): “Quid ego commemorem Xenophontis incunditatem illam inaffectedatam, sed quam nulla posit affectatio consequi?” certo é que a principal beleza das artes e do escrever deriva da natureza e não da simulação ou da busca. Ora, o tradutor necessariamente simula, isto é, esforça-se por exprimir o caráter e o estilo do outro, e repete o dito de outrem à maneira e gosto deste. Observem então como é difícil uma boa tradução em se tratando de alta literatura, de uma obra que deve ser composta com propriedades que parecem discordantes, incompatíveis e contraditórias. Igual para a alma, o espírito e o engenho do tradutor. Sobretudo quando a principal ou uma das principais qualidades do original consiste no não simulado, no natural e no espontâneo, em que o tradutor pela própria natureza não pode ser espontâneo. Mas, por outro lado, esta simulação é tão necessária ao tradutor, que quando as qualidades estilísticas não são o forte do original, a tradução não simulada pode dividir o texto, e quando essas qualidades constituem o principal interesse da obra (como em boa parte dos clássicos antigos) a tradução não é tradução, mas, como uma imitação sofisticada, uma compilação, um capítulo morto, ou então uma nova obra. Os franceses resolvem facilmente essa dificuldade, porque nunca simulam nas traduções. Assim não possuem nenhuma tradução (e deixemos que elogiem Delile e acreditem que nunca possa ser um Virgílio), mas apenas relações de conteúdo nas obras estrangeiras; ou seja, obras originais compostas de pensamento dos outros.

Sobre tradução II (p 86)

O dominar mais línguas traz uma maior facilidade e clareza de pensar improvisadamente, porque nós pensamos falando. Ora, nenhuma língua possui tantas palavras e modos

corrispondere ed esprimere tutti gl'infiniti particolari del pensiero. Il posseder più lingue e il potere perciò esprimere in una quello che non si può in un'altra, o almeno così acconciamente, o brevemente, o che non ci viene così tosto trovato da esprimere in un'altra lingua, ci dà una maggior facilità di spiegarci seco noi e d'intenderci noi medesimi, applicando la parola all'idea che senza questa applicazione rimarrebbe molto confusa nella nostra mente. Trovata la parola in qualunque lingua, siccome ne sappiamo il significato chiaro e già noto per l'uso altrui, così la nostra idea ne prende chiarezza e stabilità e consistenza e ci rimane ben definita e fissa nella mente, e ben determinata e circoscritta. Cosa ch'io ho provato molte volte, e si vede in questi stessi pensieri scritti a penna corrente, dove ho fissato le mie idee con parole greche francesi latine, secondo che mi rispondevano più precisamente alla cosa, e mi venivano più presto trovate. Perchè un'idea senza parola o modo di esprimerla, ci sfugge, o ci erra nel pensiero come indefinita e mal nota a noi medesimi che l'abbiamo concepita. Colla parola prende corpo, e quasi forma visibile, e sensibile, e circoscritta.

Su letteratura I (pp 124-125)

Altro é la forza altro la fecondità dell'immaginazione e l'una può stare e senza l'altra. Forte era l'immaginazione di Omero e di Dante, feconda quella di Ovidio e dell'Ariosto. Cosa che bisogna ben distinguere quando si sente lodare un poeta o chicchessia per l'immaginazione. Quella facilmente rende l'uomo infelice per la profondità delle sensazioni, questa al contrario lo rallegra colla varietà e colla facilità di fermarsi sopra tutti gli oggetti e di abbandonarli e conseguentemente colla copia delle distrazioni. E ne seguono diversissimi caratteri. Il primo grave, passionato, ordinariamente (ai nostri tempi) malinconico, profondo nel sentimento e nelle passioni,

que correspondam e expressem todas as infinitas particularidades do pensamento. Possuir mais línguas e o poder, em consequência, exprimir em uma aquilo que não se pode exprimir em outra, ou ao menos tão dispostamente, ou brevemente, ou que não vem assim rapidamente colocada para exprimir em uma outra língua, nos dá uma maior facilidade para podermos explicar de improviso e nos entendermos, aplicando a palavra à idéia que sem esta aplicação ficaria muito confusa na nossa mente. Encontrada a palavra em qualquer língua, sabendo o significado claro e já conhecido pelo uso dos outros, a nossa idéia torna-se clara, estável e consistente, ficando bem definida, fixa, determinada e circunscrita na mente. Coisa que eu experimentei várias vezes, e que se percebe nestes meus pensamentos escritos ao correr da pena, onde eu *fixei* as minhas idéias com as palavras gregas, francesas, latinas, segundo me respondiam mais precisamente a uma coisa, e me ocorriam mais rapidamente. Porque uma idéia sem palavras ou modo de exprimi-la nos foge ou vaga no nosso pensamento como indefinida e mal conhecida a nós mesmos, que a concebemos. Com a palavra ganha corpo e quase forma visível, sensível e circunscrita.

Sobre literatura I (pp 124-125)

Uma coisa é a força, outra é a fecundidade da imaginação e uma pode existir sem a outra. Forte era a imaginação de Homero e de Dante, fecunda a de Ovídio e de Ariosto. Coisa que é preciso distinguir bem quando se ouve elogiar um poeta ou quem quer que seja pela imaginação. A primeira facilmente torna o homem infeliz pela profundidade das sensações, a segunda, ao contrário, o alegra com a variedade e com a facilidade de poder parar sobre todos os objetos e de abandoná-los e, conseqüentemente, com as cópias das distrações. E assim seguem tipos muito diferentes. Um grave, apaixonado,

e tutto proprio a soffrir grandemente della vita. L'altro scherzevole, leggiere, vagabondo, incostante nell'amore, bello spirito, incapace di forti e durevoli passioni e dolori d'animo, facile a consolarsi anche nelle più grandi sventure ec. Riconoscete in questi due caratteri i verissimi ritratti di Dante e di Ovidio, e vedete come la differenza della loro poesia corrisponda appuntino alla differenza della vita. Osservate ancora in che diverso modo Dante ed Ovidio sentissero e portassero il loro esilio. Così una stessa facoltà dell'animo umano è madre di affetti contrari, secondo le sue qualità che quasi la distinguono in due facoltà diverse. L'immaginazione profonda non credo che sia molto adattata al coraggio, rappresentando al vivo il pericolo, il dolore, ec. e tanto più al vivo della riflessione, quanto questa racconta e quella dipinge. E io credo che l'immaginazione degli uomini valorosi (che non debbono esserne privi, perchè l'entusiasmo è sempre compagno dell'immaginazione e deriva da lei) appartenga più all'altro genere. (5 Luglio 1820)

Su letteratura II (pp 125-126)

Da quello che dice il Montesquieu (Essai sur le Goût, Des plaisirs de l'âme, p. 369-370), deducete che le regole della letteratura e belle arti non possono affatto essere universali, e adattate a ciascheduno. Bensì è vero che la maniera di essere di un uomo nelle cose principali e sostanziali è comune a tutti, e perciò le regole capitali delle lettere arti belle, sono universali. Ma alcune piccole e mediocri differenze sussistono tra popolo e popolo tra individuo e individuo e massimamente fra secolo e secolo. Se tutti gli uomini fossero di vista corta, come sono molti, l'architettura in molte sue parti sarebbe difettosa, e converrebbe riformarla. Così al contrario. Intanto ella è difettosa veramente rispetto a quei tali. Gli orientali aveano ed hanno più rapidità, vivacità, fecondia ec. di spirito che gli

ordinariamente (aos nossos tempos) melancólico, profundo no sentimento e nas paixões, tudo era próprio para sofrer intensamente a vida. O outro brincalhão, leve, vagabundo, inconstante no amor, belo espírito, incapaz de fortes e duráveis paixões e dores da alma, fácil de consolar mesmo nas maiores desgraças etc. Reconheçam nesses dois tipos os verdadeiros retratos de Dante, de Ovídio, e vejam como a diferença da poesia deles corresponde à diferença da vida. Observem ainda como de modo diferente Dante e Ovídio sentem e conduzem o seu exílio. Assim uma mesma faculdade da alma humana é mãe de afetos contrários, segundo as suas qualidades que quase a distinguem em duas diferentes faculdades. Não acredito que a imaginação profunda seja muito adaptada à coragem, representando ao vivo o perigo, a dor etc, e tanto mais da reflexão, enquanto esta conta, aquela pinta. E eu acredito que a imaginação dos homens valiosos (que não devem ser privados, porque o entusiasmo é sempre companheiro da imaginação e dela deriva) pertence mais ao outro gênero (05 de julho de 1820).

Sobre literatura II (pp 125-126)

Daquilo que diz Montesquieu (*Essai sur le Goût, Des plaisirs de l'âme*, p. 369-370), deduz-se que as regras da literatura e das belas artes não podem, de fato, ser universais e adaptadas a qualquer um. É verdade, contudo, que a maneira de ser de um homem nas coisas principais e substanciais é comum a todos, e, por isso, as regras capitais das letras artes belas são universais. Mas algumas pequenas e medíocres diferenças existem entre os povos, entre os indivíduos e, sobretudo, entre os séculos. Se todos os homens fizessem vista grossa, como muitos fazem, a arquitetura em muitas partes seria defeituosa e seria conveniente reformá-la. E inversamente. Mas se ela é defeituosa, verdadeiro respeito aos

europèi. Perciò quella soprabbondanza che notiamo nelle loro poesie ec. e sarebbe difetto tra noi, poteva non esserlo, o esser minore appresso un popolo più capace per sua natura di seguire e di comprendere coll'animo suo quella maniera del poeta. Lo stesso dite dell'oscurità, del metaforico eccessivo per noi, delle sottigliezze, delle troppe minuzie, dell'ampoloso ec. ec. E questa distinzione fatela anche tra i popoli europei, e non condannate una letteratura perchè è diversa da un'altra stimata classica. Il tipo o la forma del bello non esiste, e non è altro che l'idea della convenienza. Era un sogno di Platone che le idee delle cose esistessero innanzi a queste, in maniera che queste non potessero esistere altrimenti (vedi Montesquieu, ivi, capo I, P. 366) quando la loro maniera di esistere é affatto arbitraria e dipendente dal creatore, come dice Montesquieu, e non ha nessuna ragione per esser piuttosto così che in un altro modo, se non la volontà di chi le ha fatte. E chi sa che non esista un altro, o più, o infiniti altri sistemi di cose così diversi dal nostro che noi non li possiamo neppure concepire? Ma noi che abbiamo rigettato il sogno di Platone conserviamo quello di un tipo immaginario del bello (vedi il discorso di C. Bossi nella Biblioteca Italiana). Ora l'idea della convenienza essendo universale, ma dipendendo dalle opinioni caratteri costumi ec. il giudizio e il discernimento di quali cose convengano insieme, ne deriva che la letteratura e le arti, quantunque pel motivo sopradetto siano soggette a regole universali nella sostanza principale, tuttavia in molti particolari debbano cangiare infinitamente secondo non solamente le diverse nature, ma anche le diverse qualità mutabili, vale a dire opinioni, gusti, costumi ec. degli uomini, che danno loro diverse idee della convenienza relativa.

tais. Os orientais tinham e têm mais rapidez, vivacidade e fecundidade de espírito que os europeus. Por isso, aquela superabundância que notamos nas suas poesias, seria um defeito entre nós, podia não ser ou ser pouco captado por um povo mais capaz, por sua natureza, de seguir e de compreender com a sua alma aquela maneira do poeta. O mesmo se diz da obscuridade, do excessivo metafórico para nós, das sutilezas, das muitas minúcias, do amplos etc etc. E esta distinção faz-se entre os povos europeus, e não se condena uma literatura porque é diferente de outra estimada clássica. O tipo ou a forma do belo não existe, e não é outro senão que a idéia da conveniência. Era um sonho de Platão que as idéias das coisas existissem antes destas, de modo que estas não pudessem existir diversamente (ver Montesquieu, capítulo I, p. 366) quando sua maneira de existir é de fato arbitrária, dependente do criador, como diz Montesquieu, e não há nenhuma razão para ser assim que de outro modo, senão a vontade de quem as fez. E quem sabe não exista um outro, ou mais, ou infinitos outros sistemas de coisas assim diferentes do nosso que nós não o possamos conceber? Mas nós que rejeitamos o sonho de Platão conservamos aquele de um tipo imaginário do belo (ver o discurso de G. Bossi na *Biblioteca Italiana*). Ora a idéia da conveniência sendo universal, mas dependendo das opiniões, tipos, costumes etc, o juízo e o discernimento de quais coisas convêm juntas, deriva de que a literatura e as artes, quanto pelo motivo acima dito, sejam sujeitas a regras universais na essência, todavia em muitos particulares devem mudar infinitamente segundo não somente as diferentes naturezas, mas também as diferentes qualidades mutáveis, vale dizer, as opiniões, gostos, costumes etc dos homens, que dão as suas diferentes idéias da conveniência relativa.

Su letteratura III (pp 384-385)

Nella carriera poetica il mio spirito ha percorso lo stesso stadio che lo spirito umano in generale. Da principio il mio forte era la fantasia, e i miei versi erano pieni d'immagini, e delle mie lettere poetiche io cercava sempre di profittare riguardo alla immaginazione. Io era bensì sensibilissimo anche agli affetti, ma esprimerli in poesia non sapeva. Non aveva ancora meditato intorno alle cose, e della filosofia non. avea che un barlume, e questo in grande, e con quella solita illusione che noi ci facciamo, cioè che nel mondo e nella vita ci debba esser sempre un'eccezione a favor nostro. Sono stato sempre sventurato, ma le mie sventure d'allora erano pieno di vita e mi disperavano, perchè mi pareva (non veramente alla ragione, ma ad una saldistima immaginazione) che m'impedissero la felicità, della quale gli altri credea che godessero. Insomma il mio stato era allora in tutto o per tutto come quello degli antichi. Ben é vero che anche allora, quando le sventure mi stringevano, e mi travagliavano assai, io diveniva capace anche di certi affetti in poesia, come nell'ultimo canto della Cantica. La mutazione totale in me, e il passaggio dallo stato antico al moderno, seguì si può dire dentro un anno, cioè nel 1819, dove, privato dell'uso della vista e della continua distrazione della lettura, cominciai a sentire la mia infelicità in un modo assai più tenebroso, cominciai ad abbandonar la speranza, a riflettere profondamente sopra le cose (in questi ponsieri ho scritto in un anno il doppio quasi di quello che avea scritto in un anno e mezzo, e sopra materie appartenenti sopra tutto alla nostra natura, a differenza dei pensieri passati, quasi tutti di letteratura), a divenir filosofo di professione (di poeta ch' io era), a sentire l'infelicità certa del mondo in luogo di conoscerla; e questo anche per uno stato di languore corporale, che tanto più mi allontanava dagli antichi e mi avvicinava ai moderni. Allora, l'immaginazione in me fu sommamente infiacchita, e quantunque la facoltà dell'invenzione allora

Sobre literatura III (pp 384-385)

Na minha carreira poética o meu espírito percorreu o mesmo estágio que o espírito humano em geral. Desde o início o meu forte era a fantasia, e os meus versos eram cheios de imagens, e nas minhas cartas poéticas eu sempre procurava aproveitar a minha imaginação. Eu era sensibilíssimo também aos afetos, mas exprimi-los na poesia eu não sabia. Não havia ainda meditado sobre as coisas, e da filosofia não tinha mais do que incertezas, e com aquela sensação que sempre temos, isto é, que no mundo e na vida deva haver sempre um exceção a nosso favor. Fui sempre infeliz, mas as minhas infelicidades desde então eram cheias de vida e me desesperavam, porque me parecia (não verdadeiramente racional, mas de uma forte imaginação) que me impediam a felicidade, da qual acreditava que os outros gozassem. Em suma, o meu estado era então em tudo e por tudo como aquele dos antigos. É bem verdade que mesmo assim, quando as desgraças me apertavam e me afligiam fisicamente, eu me tornava capaz de certos afetos na poesia, como no último canto da *Cantica*. A mutação total em mim, e a passagem do estado antigo ao moderno, segui, pode-se dizer, em um ano, isto é, 1819, quando, privado do uso da minha visão e da contínua distração da leitura, comecei a sentir a minha infelicidade de um modo tão tenebroso e comecei a abandonar a esperança, a refletir profundamente sobre as coisas (com estes pensamentos escrevi em um ano quase o dobro daquilo que tinha escrito em um ano e meio, e sobre matérias pertencentes sobretudo à nossa natureza, diferentemente dos pensamentos passados, quase todos de literatura), tornando-me filósofo (poeta que eu era), sentindo a infelicidade do mundo em lugar de conhecê-la; e isto também por um estado de fraqueza física, que tanto mais me afastava dos antigos e me aproximava dos modernos. Então, a imaginação em mim foi enfraquecendo, quanto mais a faculdade inventiva então

appunto crescesse in me grandemente, anzi cominciasse, verteva però principalmente o sopra affari di prosa o sopra poesie sentimentali. E s'io mi metteva a far versi, le immagini mi venivano a sommo stento, anzi la fantasia era quasi disseccata (anche astraendo dalla poesia, cioè nella contemplazione delle belle scene naturali ec., come ora ch'io ci resto duro como una pietra); bensì quei versi traboccavano di sentimento (1 luglio 1820). Così si può ben dire che, in rigor di termini, poeti non erano se non gli antichi, e non sono ora se non i fanciulli o giovanetti, e i moderni che hanno questo nome non sono altro che filosofi. Ed io infatti non divenni sentimentale, se non quando, perduta la fantasia, divenni insensibile alla natura, e tutto dedito alla ragione e al vero, insomma filosofo.

crescesse intensamente em mim, ao contrário começasse, vertia principalmente ou sobre a prosa ou poesia sentimental. E se eu me punha a fazer versos, as imagens me vinham com grande dificuldade, ou melhor, a fantasia era quase dissecada (mesmo abstraindo da poesia, isto é, na contemplação da belas cenas naturais etc., como agora que eu estou duro como uma pedra); bem sim aqueles versos transbordavam de sentimento (01 de julho de 1820). Assim, pode-se bem dizer que, em rigor dos termos, poetas não eram senão os antigos, e não são agora senão os jovens, e os modernos que têm este nome não são senão filósofos. E eu não me tornei sentimental a não ser quando, perdida a fantasia, tornei-me insensível à natureza, e tudo era dedicado à razão e ao verso, em suma, filósofo.

NOTA

¹ Os fragmentos traduzidos foram extraídos de Giacomo Leopardi. *Zibaldone di Pensieri*. Milano: Mondadori, 1980.